

O COMUNISTA

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 0 contavos

PROPRIEDADE DO

GRUPO EDITOR DO COMUNISTA



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 7/0

TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 25 - LISBOA

Uma das razões porque venceu o partido bolchevique

Toda a gente vé hoje com segurança que os bolcheviques não poderiam manter-se no poder não digo já dois anos seguidos mas dois meses sequer, sem a disciplina absolutamente estrita, sem a disciplina verdadeiramente de ferro do nosso Partido e sem o auxilio levado a este Partido, sem reserva e com uma abnegação inteira, pela grande maioria da classe operaria, quer dizer, por todo aquele que possui consciencia, honestidade, dedicacão, actividade, aptidão e influencia para arrastar consigo as camadas retardatarias da populacão.

A ditadura do proletariado é a guerra, a mais absoluta e impiedosa, duma classe nova contra um inimigo mais poderoso, contra a burguesia, cuja resistencia é decuplicada pela sua queda, e cujo poder é composto não só da força do capitalismo internacional, da força e da solidariedade das ligacões internacionais da burguesia, mas ainda da força do habitó, da força da pequena produccão. Porque, mesmo depois da queda do poder politico burguez, resta ainda na Russia uma muito grande proporção de pequenos industriais. Ora estes pequenos industriais tendem sempre a tornarem-se capitalistas, numa luta constante de cada dia e de cada hora. Por todas estas razões, a ditadura do proletariado é indispensavel, e para triunfar da burguesia é preciso fazer-lhe uma guerra prolongada, encarnizada, desesperada, uma guerra de morte que reclama da classe operaria o dominio de si mesma, absoluta disciplina, firmeza, uma vontade inabalavel e una.

Eu o repito: o triunfo da ditadura do proletariado na Russia fez ver por experiencia propria, a todos aqueles que não sabem pensar, a todos aqueles que não reletiram nunca nesta questáo, que, uma centralisacão absoluta e a mais estrita das disciplinas são para o proletariado uma das condições fundamentais da sua victoria sobre a burguesia.

Sobre que bases repousa a disciplina do partido revolucionario do proletariado?

Primeiro, no caracter consciente da sua vanguarda, na sua dedicacão á revolução proletariana, no seu espirito de sacrificio, no seu heroismo.

Segundo, na sua aptidão para se aproximar da massa dos trabalhadores, a ligar-se, a fundir-se com ela.

Terceiro, na rectidão da linha politica realizada pela sua vanguarda, na justiza da sua estrategia e tactica revolucionarias.

Ora estas condições não podem surgir dum golpe. Elas são o resultado dum longo trabalho, duma dura experiencia.

LENINE

(De La Maladie Infantile du Communisme)

"O COMUNISTA"

Vende-se no Bazar da Republica e no Kiosque Sanches, Praça dos Restauradores.

LENINE, NOSSO MESTRE

Faz um ano que Lenine, o guia do Partido Comunista Russo, o chefe da Revolução russa, o fundador da Internacional Comunista, desapareceu para sempre. Vale a pena lembrar a vida deste homem de excepção, cujo nome ficou ligado a grandes feitos historicos, cujos principios e applicacões constituem o inicio duma civilisacão nova.

Em 1887, Lenine, contando apenas 17 anos, foi expulso da Universidade de Kiev por uma discussáo de estudantes. Nesta época longuica os estudantes representavam já uma grande força revolucionaria.

Foi em Petersburgo que Lenine debutou na acção revolucionaria entre os operarios. Foi lá que ele começou a procurar os elementos melhor preparados para fazer da sua futura classe de proletariado russo, Chejgovov, hoje cego, e Babushkina, fuzilado na Siberia em 1905, eis dois dos companheiros de Lenine, nesse tempo. Kijjano-Peter, engenheiro distinto que dirige hoje o grande plano de electrificacão da Russia, Maxov, aquele que mais tarde deveria dirigir a fabrica menschevique, eis outros nomes conhecidos e colaboradores de Lenine, na sua fase inicial de revolucionario marxista e operario.

Os primeiros escritos de Lenine, são manifestos, reacacões operarias, que ele proprio faz vezes distribuir ás portas das oficinas. Dando visões do proletariado russo, que Lenine tratava as questões operarias, salarios, suas oficinas, horarios de trabalho, bairros, etc. E' muito interessante conhecer estes primeiros escritos de Lenine, salido duma escola superior fez a sua educacão revolucionaria entre os operarios. A acção persistente de Lenine junto dos operarios teve origem e uma serie de movimentos grevistas que constituiram inteira novidade no imperio moscovita. Lenine foi descoberto, preso e deportado para a Siberia.

No exilio, Lenine dedicou-se á explanação dos trabalhos teoricos, escrevendo a sua primeira obra O desenvolvimento do capitalismo na Russia.

Nesta obra logo ele se revelou um teorico profundo e confessor, como poucos, da situação economica e social da Russia, achando tudo das condições de vida da classe trabalhadora. Em 1906 publicou O desenvolvimento do social-democratismo russo, obra igualmente notavel.

Negressando do exilio, onde estivera tres annos, Lenine convocou para Pskov uma conferencia legal do Partido. Esta conferencia decidiu que Lenine fosse eleito e Petrossov (Plekhanov) publicou o primeiro jornal revolucionario. Esta decisáo foi encoberta publicamente e o jornal fez que escrevesse uma publicação influencia nos meios operarios e revolucionarios russos. Foi este que surgiu em todas as cidades russas numerosos centros operarios de agitacão.

Em 1903 teve lugar o 2.º Congresso do Partido Social-Democrata Russo que iniciou os seus trabalhos em Bruxelas e os encorreu em Londres. Foi neste Congresso que o antigo Partido Social-Democrata Russo se tornou Partido Social-Democrata Russo e outros intelectuais sustentavam que para ser filiado no Partido bastaria o filiado pagar regularmente as suas cotas; Lenine mostrou que isto só não bastava e que era indispensavel que todo o candidato a socio do Partido se obrigasse tambem a cumprir um minimo de trabalho nas organizações partidarias. Isto

foi bastou para que o Partido Social-Democrata se dividisse em duas fracções: - menchevique e bolchevique. Lenine arrastou consigo a maioria constituida por operarios. A minoria, constituida por intelectuais, ficou em Martov.

No momento da revolução de 1905 Lenine estava no estrangeiro, editando e dirigindo um novo jornal da fracção bolchevique, Vpered. Depois dos acontecimentos de Janeiro de 1905, na Russia, Gaponov refugiou-se no estrangeiro em casa de Lenine. Este recebeu-o com entusiasmo. Gaponov era uma creatura livreta e Lenine que ensina-lhe os principios marxistas. Tarefa inutil. Gaponov não estava de modo algum á altura de ser um chefe revolucionario e, pelo contrario, transformou-se depois num agente provocador.

Desde as primeiras metades da revolução de 1905, em setembro, Lenine deixou o exilio e dirigiu-se apressadamente para Petersburgo, onde chegou no angulo dos acontecimentos, quando funcionava já o primeiro Soviet dos Operarios. Lenine seguiu os acontecimentos com muita atencão em Petersburgo e chegou em Dezembro a Moscow, quando a revolta dos operarios era sfogada no sangue.

Os bolcheviques aprovaram abertamente a rebelião armada do proletariado; pelo contrario, os mencheviques consideraram-na um acto inutil. Estas divergencias contribuíram mais e mais a afastarem Lenine de Martov e a fortalecerem a sua influencia no partido.

Lenine considerou a insurreicão moscovita de dezembro de 1905 como um acontecimento de maior importância historica que comparou á Comuna de Paris.

Pela primeira vez - dizia então Lenine - os operarios russos, que, desde tão longo tempo, não eram senão uma massa de escravos, decidiram a sair á rua de armas na mão, a lançar o desafio á autocracia e a baterem-se dias seguidos com alternativas de sucesso e de reves contra o poderoso exercito tsarista. Pela primeira vez, a classe operaria se decidiu a batalha. Ela foi vencida mas a sua derrota é uma daquelas que valem muitas victorias.

Em 1906, Lenine achava-se refugiado na Finlandia, onde recibia todos os sabados e domingos desenhos dos chefes operarios revolucionarios, com que constituiu o Estado Maior do partido bolchevique. Entre estes estavam - Kalline, o actual presidente do P. S. D. e Tsimky, seu secretario geral de U. G. T. russo.

Em 1907, Lenine foi obrigado a refugiar-se de novo no estrangeiro, onde iniciou a publicacão do jornal Le proletario.

Os anos de 1908, 1909 e 1910 foram de atroz perseguição para os operarios russos. Muitos dos intelectuais revolucionarios passaram para o campo contrario. Foi este um periodo de grande abatimento. Só Lenine não desanimou nunca.

Em 1911 manifestaram-se os primeiros indícios dum renascimento do movimento operario. Lenine fez logo a sua residencia na Galicia, perto da fronteira russa.

Em 1914 vem a guerra. Lenine afirmou resolutamente que a derrota da Russia seria a queda do tsarismo e o triunfo da revolução proletariana. De todos os lados mil vozes clamaram: - Mieravel! Lenine proseguiu impavido na sua doutrinação, proclamando ao Congresso internacional de Zimmerwald que era dever de todos os socialistas transformar a guerra dos povos na guerra das classes.

Finalmente, em março de 1917, dá-se o

feito culminante, profetizado por Lenine em 1914, o tsarismo baquava, subvertido pela revolução popular em que o proletariado de Petrogrado tomara uma parte tão importante. Lenine, então exilado na Suíça, fez-lhe o seguinte pronunciamento a Petrogrado, atravessando a Alemanha.

«Ao chegar a Petrogrado, Lenine encontrou os Soviets sob a influencia dos mencheviques e estes aliados aos liberais burgueses, senhores do Poder. Lenine lançou a sua palavra d'orden: - Tudo e poder aos Soviets. Mas, no mesmo tempo, disse a coisa de maneira a constituir uma revolução revolucionaria. O grande problema nesse momento, eram: pôr termo á guerra que arruinava a Russia e resolver a questáo agraria. Nem uma coisa nem outra os liberais, os mencheviques e os socialistas revolucionarios, senhores do governo, eram capazes de resolver.

Por isso a batalha entre estes partidos e os bolcheviques prosseguiu encarnizada. Lenine, sob o governo de Kerensky, foi obrigado a refugiar-se de novo na Finlandia, primeiro, nos arredores de Petrogrado, depois.

Em outubro, ele impõe ao Partido bolchevique a insurreicão armada para derrubar o bolchevismo proterio tsarista. O dia 8, ao realizar-se a segunda sessáo do Congresso Pan-Russo dos Soviets, Lenine apresentou os projectos de resolução da paz imediata e da nacionalisacão das terras e sua distribuição pelos camponeses a titulo usufrutuário.

Depois, o revolucionario transforma-se no mais colossal homem politico da nossa época, numa capacidade organizadora, cuja influencia no povo russo, os seus proprios adversarios consideram superior á de Pedro, o Grande.

A Alemanha, a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Polonia, a Tcheco-Slovacia, a Hungria, a Finlândia, a Turquia, em todos os estados siam, lançam-se contra a Russia, cafamada, sem transportes, sem exercito.

E' preciso refazer a Russia inteiramente, tudo carece de ser reorganizado do novo, para enfrentar tantos perigos simultaneamente. Mas Lenine, antes duma longa guerra em que os operarios russos, armados, corriam de Bialice ao Mar Negro, do Caucaso até aos confins da Asia Oriental.

E' então que o genio de Lenine refugio como um sol de primeira grandezza, prevendo tudo, dirigindo tudo.

Mas tão ingente tarefa devia abstar o ciclopeo batalhador. E, de facto, o infatigavel - abouqueiro que nos ultimos meses da sua existencia já não falava nem escrevia, desaparecia da scena da vida em 21 de Janeiro de 1924.

Este homem que iniciou a sua vida revolucionaria aos 17 anos morria aos 36 dando á causa do proletariado tudo o que lhe podia dar - o esforço fisico, a intelligencia, a vida.

Seguir-lhe os ensinamentos, a constancia e a dedicacão sem limites, eis o dever de todos nós.

Duques que dependem do nosso esforço e da nossa vontade. A isto respeito podé dizer-se que tudo ou quasi tudo está por fazer. Depois, com a sua experiencia, trouxe-nos nas indisciplinas uteis.

Daqui e saudamos calorosamente, felicitando a I. O. pela sua boa escolha.

O Estado proletario arma de defesa contra a burguesia

O Estado é a organisação especial duma força, é a organisação da força destinada a subjugar uma certa classe. Qual é a classe que o proletariado deve subjugar? Evidentemente, a classe dos exploradores, a burguesia. Os trabalhadores não tem necessidade do Estado senão para quebrar a resistencia dos exploradores e não ha outra classe que não seja o proletariado capaz de levar contra a burguesia a luta até ao fim, capaz de unir em volta de si todas as categorias de trabalhadores e todos os explorados para suplantir o poder burguez definitivamente.

A's classes exploradoras é-lhe necessaria a dominacão politica para manterem a exploracão economica. Sem essa dominacão não seria possivel a protecção dos privilegios daigumas centenas de individuos contra milhares e milhões de trabalhadores.

Os demócratas pequeno burgueses, estes pseudo-socialistas, substituiram a luta das classes pela harmonia e a conciliação das classes. Esta utopia pequeno-burguesa, indissoluvelmente ligada á ideia dum Estado estranho á noção de classe não serve de facto senão para traír os interesses das classes laboriosas, como se provou, por exemplo, com as revoluções de 1848 e 1871, como se provou com a experiencia da participacão dos socialistas nos ministerios burgueses em Inglaterra, na França, na Italia, etc.

Toda a sua vida Marx lutou contra este socialismo burguez, chamado a viver na Russia, em nossos dias, pelos mencheviques e socialistas revolucionarios.

A queda da burguesia não é possivel senão pelo proletariado, unica classe cujas condições economicas de existencia o tornam capaz de preparar e executar o golpe revolucionario. Enquanto que o regime burguez fraccciona e dessemma a classe camponesa e todas as camadas pequeno-burguesas, ela opera e determina ao mesmo tempo a agregacão e concentração de forças do proletariado. O proletariado, pelo seu papel na grande produccão economica, é o unico capaz de exercer o dominio sobre todas as outras camadas de trabalhadores e de levá-los a um triunfo decisivo.

A doutrina da luta de classes, applicada por Marx á questáo do Estado e da Revolução socialista conduz fatalmente a reconhecer a supremacia politica, a ditadura do proletariado, quer dizer, um poder que não deve ser partilhado com ninguém que não seja operario e que se apoia directamente na força armada das massas trabalhadoras.

LENINE

(De L'Etat et la Revolution)

«Sem ideologia revolucionaria não ha revolução. Mas esta ideologia para ser guia segura carece de ser implantada na pratica, isto é, deve ser argumentada em relacão intima com os movimentos das massas.»

LENINE

Recenseamento eleitoral

A todos os filiados, especialmente, nos de Lisboa, Porto e Beja, se recomenda que não deixem de recensearem-se.

Em Lisboa, o comitê do recenseamento funciona todos os noites, das 21 ás 23 horas, no sêdo da Federaçáo Comunal, rua do Arco de Marquês de Alegrete, 30 2.º.

Duques

Com um mandato da I. O. esteve em Lisboa o nosso camarada Dupuis, membro do P. C. F.

A C. O. do P. C. F. sustentou perante o Executivo da I. O. a tese de que em Portugal existiam todas as condições objectivas revolucionarias, solicitando-lhe que enviasse algum dos seus confiança a verificar se o facto era ou não verdadeiro. Daí a vinda de Dupuis, que confirmou inteiramente o ponto de vista da C. O. do P. C. F.

Que resta agora? Criar as condições subjectivas, isto é, aquelas con-

dições que dependem do nosso esforço e da nossa vontade. A isto respeito podé dizer-se que tudo ou quasi tudo está por fazer. Depois, com a sua experiencia, trouxe-nos nas indisciplinas uteis.

Duques, chauffeur-mecanico, é um camarada modesto, que não todos os seus camaradas é vontade, mas muito saber e experiente. E' um leninista firme e seguro, uma destas dedicacões que tudo oferece e nada pede.

O camarada Dupuis deixou entre nós as melhores impressões e as mais vivas sympathias.



OS CAMPESE E A REVOLUÇÃO

O relatório que o camarada Varga apresentou ao Congresso Mundial agora reunido em Moscou, deixa-nos entrever para 1925, perspectivas revolucionárias. Assim, ele diz, a certa altura: "Observando a situação económica dos três últimos anos, vemos três grandes fenómenos: 1.º O fim de toda a economia capitalista mundial formando um todo; 2.º uma crise especial dos países industriais da Europa Ocidental no meio da crise geral e 3.º a crise agrária."

"Devemos sublinhar, diz ainda Varga, a existência da Rússia, república imensa fora da economia capitalista onde o governo operário está hoje tão fortemente assente que os próprios adversários, os mais encarniçados, já não esperam a sua queda."

Não cabe no espaço dum pequeno jornal a análise detalhada do interessante relatório de Varga.

Não podemos, porém, deixar de nos referir com alguma largueza à crise agrária tal como nos a apresenta Varga.

Varga atribue várias causas à crise agrária. A primeira é que em quasi todos os países do mundo os preços dos produtos industriais são superiores aos preços dos produtos agrícolas. Outra causa é a organização de trusts durante a guerra e depois da guerra.

Quasi todos os produtos industriais foram vendidos a preços artificiais de monopólio, ao passo que a liberdade de preços existe na agricultura, onde é impossível reunir em trusts e cartéis milhões de produtores.

Em Portugal, esta diferença entre os preços dos produtos agrícolas e industriais não existe. Está tudo igualmente caro, graças a Deus!

Outra coisa não podia acontecer, visto sermos um país deficitário.

E a política protecionista inaugurada por Joaquim Ribeiro fez dar um salto aos preços de todos os produtos agrícolas, agravando ainda mais a situação.

Portugal, país de camponeses, não tem, pois perspectivas revolucionárias para 1925? E' o que vamos examinar.

Não falemos na crise do Estado, assunto já por várias vezes esclarecido nestas colunas.

Em Portugal, os pequenos e mé-

dios camponeses com suas famílias dão o número de 3.400.000 habitantes numa população que não chega a 6.000.000.

A situação dessas 3.400.000 almas, interessa mais do que tudo ao P. C. P. como partido revolucionário.

Desde o começo da guerra até hoje o estado de espírito dos médios e pequenos camponeses tem sido, devemos confessá-lo, muito pouco revolucionário. A disparidade, notada em outros países, entre os preços dos produtos agrícolas e industriais não existindo em Portugal, aconteceu que o estado de vida do pequeno e médio agricultor melhorou. O pagamento de rendas e impostos em moeda depreciando-se a olhos vistos, junto à venda dos produtos agrícolas por preços cada vez mais elevados, tudo isto permitiu ao pequeno camponês: ao pequeno vinheiro, ao pequeno e médio camponês em geral, criar novas necessidades que hoje não pode abandonar. Alargou-se o consumo do café e do açúcar, as meninas botaram sedas e sapatos finos e quando Deus queria, ia-se passar uma quinzena aos banhos, no verão.

A política fiscal do governo Alvaro de Castro veio inclinar a balança para o lado do proletariado com a actualização dos impostos e consequente subida dos arrendamentos, sem créditos, o camponês médio verá a sua situação económica agravar-se subitamente. Habitado é e a família a um certo estado de vida procurará mantê-lo a todo o custo. Como? Trabalhando, como assalariados, na grande propriedade, fazendo concorrência ao trabalhador rural e provocando assim uma baixa no salário agrícola.

Uma tal situação, não pode ser mais favorável ao proletariado revolucionário, e ao P. C. em especial.

O ano de 1925, terá para a causa da emancipação dos trabalhadores uma boa metade da população portuguesa, que até hoje tem estado indiferentes à política.

Compete ao P. C., por meio de uma agitação e propaganda convenientes nos meios rurais, chamar à colaboração com o proletariado revolucionário as classes dos médios e pequenos camponeses. Como? E' o que veremos noutra artigo.

Augusto RODRIGUES

O governo dos operários e dos camponeses

Em período eleitoral é conveniente recordar que os comunistas devem defender, além das reivindicações de carácter imediato como, luta contra o "charro" e a vida cara, fixação do salário mínimo em função do preço das mercadorias, extensão das leis de 8 horas a acidentes de trabalho para os trabalhadores agrícolas, etc. O programa de governo dos operários e dos camponeses aprovado no 1.º congresso e sancionado pelo Executivo da B. C. que é como segue:

1.º — A soberania política baseia-se nas forças de produção. Só podem exercer direitos políticos os trabalhadores manuais ou intelectuais, os camponeses pobres e os soldados. Aos que vivem do trabalho alheio não é permitido o exercício de qualquer direito político.

2.º — Nacionalização da grande propriedade de terras e sua distribuição, a título usufrutuário, por famílias de operários agrícolas. Assistência técnica e financeira garantida pelos órgãos administrativos do Estado. Estímulo e auxílio às organizações económicas dos pequenos produtores agrícolas. Combate imediato ao proprietário especulativo, p-la aquisição de todos os contratos com os seus rendimentos os camponeses. A propriedade agrícola afectada pelo especulativo será nacionalizada, seja qual for a sua extensão, e concedida mediante o pagamento de uma renda moderada, que se actualize os rendimentos, por uma percentagem determinada.

3.º — Seleção financeira urgente pela concessão de valores reais—metais preciosos, propriedades imobiliárias, valores industriais, etc.

4.º — Criação de moeda fiduciária e um padrão novo e obrigatório de factores de todas as contas públicas em valores ouro.

5.º — Nacionalização das indústrias bancária, do seguro e da moagem e sua monopólio pelo Estado.

6.º — Congresso imprevisto das despesas imprevistas do Estado.

7.º — Organização dum truste unido das empresas ferroviárias do continente. O mesmo truste deverá adoptar a mesma navegação de longo curso. Participação do Estado nos trusts de transportes. Esta participação é representada por 51 % do capital da empresa.

8.º — Nacionalização gradual e metódica da grande indústria.

9.º — Monopólio pelo Estado do comércio exterior.

10.º — Controlo e estatística de toda a produção.

11.º — Estímulo directo e decisivo ao cooperativismo de produção e consumo.

12.º — Recurso ao chamamento de classes para a construção e reparação das estradas e quaisquer outras obras de fomento, necessárias ao rápido incremento da economia nacional.

13.º — Monopólio da instrução pública pelo Estado. A Escola deve desenvolver a aplicação para o trabalho e a conscientia da necessidade de viver d'ele. Separação absoluta da Igreja e do Estado.

14.º — Reorganização do exercito no sentido proletariano.

15.º — Reorganização dos tribunais, tornando-os laicistas e livres das classes que vivem do trabalho alheio.

16.º — Instituição do seguro social, geral e completo, para a gravidez e maternidade, para a infância, a doença, a invalidez e a velhice.

17.º — Medidas extremas de moralização de costumes:

- a) Impostos proibitivos sobre os artigos de luxo;
- b) Encerramento imediato, geral e absoluto, das tabernas e casas de jogo;
- c) Proibição de taboalhas e outros meios disfarçados de jogo;
- d) Proibição de espectáculos e literatura pornográfica e de género polêmico;
- e) Proibição de espectáculos de "box" e outros desportos violentos;
- f) Combate à prostituição pelo seguro social e assistência moral;
- g) Supressão do comércio penhorista;
- h) Política externa conduzida no sentido da unidade dos Estados Unidos da Europa, tendente à abolição das barreiras fiscais.

Joaquim Diamantino

Vitimado por um demastro faleceu em Santarém, onde se encontrava trabalhando, o nosso camarada Joaquim Diamantino, antigo secretario geral do Sindicato Unico da Construção Civil.

Era um camarada modesto, mas muito animoso e dedicado à Causa Comunista.

Joaquim Maurin

A Espanha, em qualquer período da sua Historia, foi sempre um país tenebroso. Friezes, fusilamentos, o estado de sitio como sistema permanente, eis a Espanha de sempre. Em qualquer outro país seria impossível o fusilamento de Ferrer em 1909. Em Espanha tudo é possível no capítulo do despotismo governamental.

Se esta era a Espanha antes de Primo de Rivera a que será ela hoje? Difícil é fazer uma ideia do terror que ali reina.

Aos anarquistas, aos sindicalistas, aos comunistas não é sequer permitido viver em Espanha. Há nada menos de 28.000 presos políticos no país vizinho.

Toda a delegação sindical espanhola que fora assistir ao 2.º Congresso da Internacional Vermelha estava detida, excepto o nosso camarada Joaquim Maurin.

Pois bem! Este foi agora descoberto pela policia em Madrid e não o prenderam sómente, agrediram-no barbaramente a tiro.

Joaquim Maurin é dos mais cultos, inteligentes e decididos membros do Partido Comunista Espanhol, jornalista distinto e vigoroso.

E' grave o seu estado mas esperamos que o salvem.

J. CARLOS RATES

A Russia dos Sovietes

As teorias revolucionárias. Como se se fez a revolução. Os homens e os factos. A vida económica e social. Aspectos da Russia

Editado pela livreria Guimarães, da rua do Mundo, deve ser posto à venda, dentro de pouco, um volume de 200 paginas, com o titulo e sub-titulo acima indicados. Esta obra, feita no intuito de dar a conhecer a Russia, tal como ella é, os seus homens em evidencia e os seus principios, divide-se nas seguintes partes e capitulos:

Introdução — Materialismo — Concepção materialista da historia. Teoria da mais valia, acumulação de capitais e concentração das forças economicas. O conflito entre o regime de produção e o regime de propriedade e a luta das classes. A ideia do Estado.

Leninismo. — O metodo e a teoria. A ditadura do proletariado. A aliança dos proletários e dos camponeses. A questão das nacionalidades. O partido revolucionario, a estratégia e a tactica.

Os presidentes da Revolução bolchevique. — De 1905 a Março de 1917. De Março a Novembro de 1917.

Os chefes revolucionarios. — Lenin, Rykov, Zinoviev, Kamenev, Trovsky, Dzerjinsky, Stalina, Bukharine, Frounzé, Kouibichév, Smirnov, Tomsky, Kalinin.

O momento decisivo. — Os acontecimentos de Lenigrado. A luta em Moscovo. A acção dos anarquistas.

A Russia sovietica. — O Partido Comunista Russo. O comunismo de Guerra e Nova Política Economica. A Uniao das Republicas Socialistas Sovieticas. Finanças publicas. O commercio exterior. Caminhos do ferro. A agricultura. A industria. Electricificação. Cooperativas. O commercio interior. As condições de vida material do operário russo. A organização sindical. Instrução publica. A arte. Higiene e saude publicas.

Em terras russas. — Moscovo, a capital dos Sovietes. O presidente da Republica. A Igreja e o povo. O protesto contra a guerra e o Exercito Vermelho. Uma festa militar. Os antigos palacios, os armazens, as fabricas. O povo, os seus habitos, os banhos publicos. O túmulo de Lenin, Lenigrado. Uma civilização que desponta.

OS PROBLEMAS DA REVOLUÇÃO

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Quanto maior é a concentração da industria, tanto mais facil é a sua nacionalização

Um cotado anarco sindicalista, duma remarcada ignorância em ciencia economica, disse há tempos no Porto em conferencia publica:

A C. G. T. e as Unioes de Sindicatos substituirão o Parlamento e as Camaras Municipais, os sindicatos e as federações tomarão conta da industria que será Socializada. O resto vê-se ha depois...

Sim, o resto vê-se ha depois. E foi pena que não houvesse um assistente que lhe perguntasse o que se entendia por socialização da industria, a maneira pratica de realisá-la, etc. E perguntar-lhe tambem se ha o direito de falar em publico de assunto que se não conhece, desorientando os espiritos, e cobrindo a sua ignorancia com... o resto vê-se ha depois...

Socialisar quer dizer tornar comum, da sociedade, uma coisa ou determinadas cousas. Nós preferimos a palavra nacionalizar que é tambem tornar comum, por intermedio do Estado, o objecto em questão, seja a propriedade urbana, seja a industria ou os transportes.

A nacionalização da industria é um dos problemas mais dificeis da Revolução. A experiencia russa prova-o exuberantemente.

Os anarco-sindicalistas parecem não considerar que a toda a Revolução social é inerente um estado de guerra civil pelas resistencias que um tal facto provoca e que durante este periodo de guerra civil o tempo mais chega para a defeza da nova situação politica creada pela Revolução. As experiencias historicas — a Revolução Francesa, de 1789 a 93, a Comuna de 1871 e a Revolução russa, de 1917 a 1921 — parecem não terem constituído ensinamentos preciosos para esta gente que se obstina em talhar sociedades ideais na sua imaginação doentia sem se dar ao trabalho de justificar e esclarecer as suas pretensões falhas de logica, de caracter pratico e científico.

A industria dum país é tanto mais facil de nacionalizar quanto maior e perfeito é o seu estado de concentração. Ora o caracter distintivo da nossa industria é precisamente a fragmentação, o que quer dizer que possuímos uma industria difficilmente nacionalavel. Nada menos de 80% das nossas fabricas e officinas occupam apenas de 1 a 10 operarios. De que serviria a nacionalização destas pequenas empresas?

Bem diferente era a situação da Russia e ella não deixa ainda hoje de lutar com serias difficuldades para resolver o seu problema da produção industrial.

As caracteristicas da industria russa antes da guerra e da Revolução eram as seguintes:

Operarios occupados na grande industria.....	2750-000
Operarios occupados na pequena industria.....	600-000
Operarios occupados no trabalho domestico.....	2.000-000
Produção da grande industria.....	4.600 milhões de rublos
Produção da pequena industria.....	700
Produção da industria domestica.....	200

Como se vê a grande industria occupava mais operarios e produzia cinco vezes mais que a pequena industria e a industria domestica.

Foi em 1921, já quando la muito atenuada a guerra civil e que se adotou a Nova Política Economica, que os nossos camaradas russos puderam encerrar o ressurgimento economico da Russia.

Pois bem! Em relação ao nivel de produção de antes da guerra eis o que até hoje poude conseguir a industria nacionalizada:

Em 1913.....	100
Em 1925.....	115
Em 1926.....	120
Em 1927.....	125
Em 1928.....	130
Em 1929.....	135
Em 1930.....	140
Em 1931.....	145
Em 1932.....	150
Em 1933.....	155
Em 1934.....	160
Em 1935.....	165
Em 1936.....	170
Em 1937.....	175
Em 1938.....	180
Em 1939.....	185
Em 1940.....	190
Em 1941.....	195
Em 1942.....	200
Em 1943.....	205
Em 1944.....	210
Em 1945.....	215
Em 1946.....	220
Em 1947.....	225
Em 1948.....	230
Em 1949.....	235
Em 1950.....	240

O que sucederia cá se pretendesemos nacionalizar as nossas pequenas officinas?

Tambem a gestão industrial, tal como foi adotada na Russia, se nos affigura absolutamente pratica. O Estado proletario é de facto e de direito o proprietario das fabricas, maquinas e utensilios industriais. O Estado, por intermedio do Conselho Superior de Economia, de que participam os representantes das Unioes Sindicais, elabora o plano geral de produção, providencia sobre abastecimento de materias primas e combustiveis e influe quanto possível na facilidade de creditos e aquisição de mercados, mas a industria está organizada em trusts que tem administração autonoma. O Estado não cobre os deficits dos trusts; estes tem de bastar-se a si proprios. Nada disto se parece com a nossa administração do Estado cujos serviços são desastrosamente deficitarios e constituem o maior obstaculo ao equilibrio orçamental.

Entre nós ha susceptivel de nacionalização: o commercio exterior, as industrias bancaria e do seguro, os transportes terrestres, acedados e maritimos de longo curso, as industrias da moagem, tabacos e fosforos e algumas grandes fabricas da metalurgia, da ceramica, do textile e do papel.

Todas as pequenas fabricas e officinas terão de ficar nas mãos do capital privado até que se opere um metódico e persistente trabalho de concentração.

A Russia, cujas condições bem mais favoráveis me parece ter já demonstrado, não deixou ainda de proceder a uma maior concentração industrial. Em 1923 existiam 74 trusts com 412 fabricas e 998.000 operarios e em 1924 as fabricas desceram a 332, empregando 1.182.000 operarios.

A este respeito uma enorme tarefa não está reservada.

J. Carlos Rates

Factores objectivos e subjectivos duma Revolução

Quaes são em geral as condições duma situação revolucionaria?

1.º — A impossibilidade para as classes dominantes de manter invariavel a sua dominância; uma crise dos meios dirigentes, crise politica das classes que exercem o poder. Para que uma revolução se produza é insufficiente que se não queira mais, ao baixo, é tambem necessario que se não possa mais, em cima, arrastar a vida do passado.

2.º — O agravamento anormal dos sofrimentos e privações das classes oprimidas.

3.º — O aumento sensivel, em razão do que precede, da actividade das massas que nos periodos tempestuosos são incitadas pela propria crise e tambem pelos meios dirigentes a uma acção historica propria.

Sem estas modificações objectivas, independentes da vontade dos grupos isolados e dos partidos, uma revolução é impossível. O conjunto destas condições objectivas constituem precisamente a situação revolucionaria.

Mas qualquer situação revolucionaria não engendra uma revolução, porque esta só é realizada quando se juntam aos factores enumerados o factor subjectivo, quer dizer a aptidão da classe revolucionaria para dirigir a acção das massas, porque mesmo nos periodos de crise nenhum regime cairá se não tiverem caído os seus fundamentos.